

Revisão afetiva

'Borda', da Lia Rodrigues Cia de Danças, encerra o Festival Panorama nesta sexta e sánado no João Caetano

Alia Rodrigues Cia de Danças apresenta "Borda" nesta sexta e sábado (28 e 29), às 19h, no Teatro João Caetano, encerrando a programação do Festival Panorama 2025. O espetáculo, que teve sua première na Bienal de Lyon, marca um momento particular na trajetória da coreógrafa ao propor uma revisão afetiva de 35 anos de criação artística.

O conceito da obra parte dos múltiplos sentidos que a palavra "borda" pode assumir — desde a margem geográfica até o ato de bordar, costurando significados que atravessam questões de pertencimento, alteridade e demarcações sociais. Em cena, a companhia reúne figurinos, objetos e materiais acumulados ao longo de mais de três décadas de trabalho, propondo uma arqueologia cênica que transforma memória em matéria coreográfica. "Nasceu do desejo de revisitá-la nossa própria história, de dar nova vida aos figurinos e objetos que acumulamos ao longo de



'Borda' fez sua estreia na Bienal de Lyon e chega ao Rio neste fim de semana

35 anos de criação", explica Lia Rodrigues. "Reuni tudo isso no palco — materiais de diferentes épocas, tecidos, plásticos, memórias — e, a partir desse acervo afetivo, começamos a bordar um novo mundo, um organismo em que cada corpo, cada elemento, depende do outro."

A coreógrafa, que se consolidou internacionalmente por uma dança visceralmente conectada a questões políticas e sociais, mantém em "Borda" essa característica de engajamento, mas sob uma perspectiva menos literal e mais porosa. A ideia de "lugar

intermediário" perpassa toda a montagem, manifestando-se tanto na ambiguidade do título quanto na materialidade da cena, onde fronteiras entre passado e presente, individual e coletivo, arte e vida se dissolvem e se recompõem continuamente. "É um convite para atravessar as fronteiras entre nós mesmos, para sonhar juntos e imaginar outras formas de estar no mundo", completa a artista.

A trajetória de Lia Rodrigues, desde que voltou ao Brasil na década de 1990 após período de formação na Europa com Maguy Marin, é marcada por uma prática artística

que recusa a separação entre criação estética e transformação social. Radicada na Maré desde 2004, onde fundou o Centro de Artes da Maré em 2009 e a Escola Livre de Dança da Maré em 2011, a coreógrafa desenvolveu uma metodologia que coloca a dança em permanente diálogo com processos comunitários e contextos de vulnerabilidade. Obras como "Para que o Céu não Caia", "Fúria" e "Encantado" evidenciam essa dança militante, que não abre mão do rigor formal enquanto se posiciona politicamente.

Reconhecida internacionalmente — foi condecorada com a medalha de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras pelo governo francês e eleita melhor coreógrafa do ano pela revista Tanz em 2019 —, Lia mantém vínculos estreitos com instituições europeias importantes, sendo artista associada da Maison de la Danse e da Biennale de la Danse de Lyon, o que explica a estreia de "Borda" justamente na capital francesa antes de sua apresentação no país.

"Borda" propõe uma experiência que opera tanto no plano sensorial quanto conceitual, característico do trabalho da companhia. A reelaboração de materiais de arquivo articula memória e invenção, num exercício de bordar — termo que a coreógrafa usa literalmente — outras possibilidades de imaginação coletiva.

SERVIÇO BORDA

Teatro João Caetano (Praça Tiradentes, Centro) | 28 e 29/11, às 19h
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Afrofuturismo no Rio

Grupo congolês Fulu Muziki faz sua estreia na cidade pelo projeto Caravana África Diversa

Por Affonso Nunes

A sexta edição da Caravana África Diversa chega ao Rio integrando a Temporada Cultural França-Brasil que marca dois séculos de amizade franco-brasileira e duas décadas desde a primeira Temporada Brasileira na França. O projeto reúne artistas, pesquisadores e grupos de tradições culturais imateriais de Camarões, Congo, Burkina Faso, além de representantes do

Maranhão e Minas Gerais, após passar por Nantes no início do mês.

O destaque da programação carioca nesta quinta-feira (27) é a estreia brasileira do coletivo congolês Fulu Miziki, às 19h, no Teatro Dulcina. Liderado por Pisco Crane desde 1999, o grupo constrói instrumentos musicais a partir de materiais descartados, criando paisagens sonoras que mesclam consciência ecológica e energia das pistas de dança. Lady Aicha comanda os vocais dessa proposta que alia futuroismo audiovisual e reflexão sobre sustentabilidade, desenvolvida em residências artísticas pelo mundo.



Coletivo Fulu Miziki, do Congo

"Nossa programação aborda temas como meio ambiente e urgências climáticas, democracia, direitos humanos, lugares de memória da Rota dos Escravizados

e enfrentamento ao racismo, por meio de seminário, oficinas, cortejos, apresentações artísticas e a publicação de uma revista", destaca a curadora Daniele Ramalho. Ela reforça a conexão histórica entre as cidades-sede: "Rio de Janeiro e Nantes são cidades que foram marcadas no passado pelo tráfico de africanos em situação de escravidão e que hoje promovem reconhecimento e reparação. A Caravana África Diversa reafirma objetivo de ser aliada na luta pelo reconhecimento da importância da matriz africana na formação cultural brasileira e a difundir a cultura do Brasil no exterior".

SERVIÇO FULU MUZIKO

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 19 - Cinelândia) | 27/11, às 19h
Entrada franca